

THE POINT 0, DE MOHAMMED SAMI, NO CAMDEN ART CENTRE, LONDRES

Texto e fotos: Maria Hermínia Donato



The Point 0,
2020

Numa noite fria, a convite de uma amiga, fui à vernissage da primeira exposição institucional – *The Point O*, de Mohammed Sami (1984, Bagdá, Iraque) no *Camden Art Centre* em Londres.

Sami, quando jovem, foi recrutado pelo regime Ba'ath para pintar murais propagandistas da ditadura de Saddam Hussein. Em casa, se refugiava estudando miniaturas islâmicas para ter acesso a livros de arte, o que explica suas composições perspectivas e a poesia das suas pinturas.

Após a derrubada do regime, Sami trabalhou no Ministério da Cultura e, através de um contato na embaixada da Suécia, pediu asilo político ao país. O artista

revela que sente falta da Suécia mais do que do Iraque e que mantém frequentes visitas ao país. Não é à toa a emoção que transmite quando se refere ao período vivido por lá, no campo de refugiados: *“Foram os dias mais bonitos da minha vida. Era uma escola de liberdade, você era livre para escolher a sua identidade.”*

MEMÓRIA É NOSSA NARRATIVA DE VIDA, NOSSO DOCUMENTO DE IDENTIDADE

A obra *Refuge Camp (Acampamento de Refugiados)*, 2022, reitera a afirmação do artista: retrata um edifício iluminado por um sol intenso, atrás de uma floresta com seus troncos escuros, ocupando um terço da expansão da enorme tela. O resto da pintura representa um grande penhasco de granito que simboliza, para

Refugee Camp (Acampamento de Refugiados), 2022



Sami, a materialidade do local. A memória assombra o presente como um fantasma do passado e se estende para o amanhã.

Sami transforma o trauma em mundano, banal como os significantes linguísticos usados pelos árabes – metonímia (utilização de uma palavra no lugar de outra havendo entre elas uma relação de sentido) e trocadilho. Há uma ambiguidade que encobre o trauma permitindo, ao espectador, outras interpretações.

Não há fotos ou esboços, nenhum material de pesquisa: as pinturas nascem subjetivamente do espaço entre subconsciente e imaginação. É escrevendo que as ideias

se desenvolvem. A memória é falha, mente, se recicla e com isso se torna uma ferramenta realmente criativa.

The Point 0, trabalho que titula a exposição, é uma das menores telas da mostra. Resulta da viagem que Mohammed Sami fez a Bagdá por ocasião da morte de seu pai. Desse episódio, a lembrança do artista está contida na forma da janela do avião. Ele não consegue lembrar sequer dos rostos ou de qualquer outra imagem. Sua única lembrança é a janela do avião na forma de zero, além do nada através da janela que era poeira.

As imagens articuladas nas obras do artista são memórias esperando por um gatilho para submer-



*Ten Siblings
(10 Irmãos),
2021*

girem. Poeticamente, Sami as chama de *memórias tardias*. Suas pinturas investigam a raiz do que significa lembrar, escavar o passado e retornar repetidamente ao ponto de origem. O ponto zero, o recomeço.

Mohammed Sami diz que não é preciso exibir personagens porque narrativas envolvendo figuras humanas vão conectar o espectador com símbolos e ícones que vemos na mídia contemporânea. Suas pinturas, ao contrário, se desenrolam como enigmas de cenas fragmentadas, escavadas do seu passado. Seu estúdio é uma corte na qual ele tenta transformar seu papel de acusador para juiz.

POÉTICA DO TRAUMA

A obra *Ten Siblings (10 irmãos)*, 2021, exhibe 10 colchões empilhados, uma vez dormidos, mas não mais. E os irmãos, os corpos onde estão? Para Sami, a invisibilidade é mais poderosa do que o visível e está sempre presente em suas obras. São gatilhos de instantes estéreis da sua história pessoal e política.

Para mim, esse quadro representa a poética do trauma. Penso na imagem de corpos que vemos nas ruas, vivos ou mortos deitados nos colchões. A lembrança dos irmãos e também dos corpos que ele deve ter visto e que nós vemos quase diariamente com as



*The Weeping Lines
(As Linhas Chorasas),
2022*

guerras. Além dos colchões espalhadas pelo mundo (em Londres o número cresce a cada dia) que abrigam os sem teto.

No trabalho de Sami, o vazio é implacável e ele dá atenção às texturas e superfícies. Para ele, os detalhes são tão importantes quanto a composição abstrata da obra – suas telas são confecções de textura, cor, sombra e espaço. Se baseiam em fragmentos de memória, sensação e intuição.

O artista extrai experiências pessoais para fundamentar seu trabalho, mas sua ambiguidade cria uma sensação de familiaridade universal – roupas pretas penduradas entre paredes amarelas lembram o costume de sempre usar preto em casamentos na cultura árabe – o uso de outra cor é considerado um desrespeito.

Certa vez Sami recebeu um telefonema da professora do seu filho dizendo que o menino chama de pai todo o homem de preto. Interessante como essas anedotas somam-se ao entendimento do artista e sua obra.

Sami saiu da Suécia para seguir seu treinamento artístico, primeiro na Universidade de Ulster, em Belfast, depois no Goldsmiths, em Londres.

SERVIÇO

Exposição *The Point 0 – Mohammed Sami*

Até 28 de maio

Camden Art Centre, Londres

<https://camdenartcentre.org/whats-on/mohammed-sami>



Electric Chair I (Cadeira Elétrica I), 2019-2020